

Redes interativas: aproximações e estranhamentos

Interactive network: approximation and estrangements

Cláudia Helena dos Santos Araújo¹

Resumo

Esse escrito remete à interatividade nas redes sociais em processos comunicativos. Objetiva uma reflexão acerca do estranhamento, escrita e experiência a partir do cinema. Utiliza a pesquisa epistemológica e processos de investigação em redes interativas. Toma-se como referência as aproximações realizadas pela sociedade em constante mutação nas relações objetivas subjetivadas em tempos síncronos. Uma aposta teórica acerca do questionamento das práticas da comunicação dos sujeitos como estranhamento nos contextos culturais diversos. Volta-se para os espaços de redes sociais interativas que encontram no ato comunicativo, momentos que proporcionem sua formação cultural.

Palavras-chave: interatividade, redes sociais, processos comunicativos.

Abstract

This review refers about the social network interaction in a communicative processes. The main purpose is the estrangements, writing and experience from the cinema. Having the use of the epistemological research and investigation procedure in social networks. The approximation done by the society is the main reference, that is in constant change. A kind of theory about forms of communication between the individuals in many different cultural contexts. Therefore, the social network interaction is where the communication act is done, occasions that provide cultural formation.

Keywords: interactivity, social networks, communication processes.

Prelúdio

O (des)intuito deste momento de diálogo é apresentar as redes interativas, em específico, o cinema. Não se pretende apresentar a historicidade, mas as interfaces e relações emanadas desse universo paralelo que transita entre aproximações e distanciamentos dos processos interativos seja entre os seres ou entre seres e tecnologias digitais.

Somos tomados por crises constantes de história, memória e tradição. O conceito de tradição que se aborda é por si e pelas práticas interlocutivas constituídas nos espaços formais, não-formais e informais de formação educacional incursa de autoridade. Arendt (2000) afirma que essas práticas

¹ Pós-doutoranda em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ). Doutorado em Educação(PUC-GOIÁS). Mestrado em Educação(PUC-GOIÁS). Graduação em Pedagogia(UEG). Membro dos grupos de pesquisa KADJÓT e PANECÁSTICA. Docente e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFG). Programa de Pós-Graduação -Stricto Sensu- em Educação Profissional e Tecnológica. helena.claudia@gmail.com

devem considerar a dimensão ética e política do ser, ou seja, aludir à memória sem esquecer a tradição.

O mediador, segundo Arendt (2000) deve se posicionar face aos jovens e, ainda acrescenta sobre a responsabilidade de se colocar crianças no mundo, sem pensar no comprometimento que isso lhe confere. Ou ainda, faz carregar como se fosse um “fardo” para quem não gosta dessas (re)significações que o mundo moderno produz. Outra postura é acerca do mediador que percebe em sua arte de educar um constante estranhamento, um romper com o que é visto, um adentrar no que é percebido. O ser se revela aos seus semelhantes por meio da palavra e, em espaço público, sua aparência se desnuda e se confunde, uma vez que as coisas não são iguais na mesma medida em que vislumbram e vivenciam. Como preconiza Hawking (2001, p.173): “Vivemos em uma brana ou somos apenas hologramas?”.

Esse texto remete às redes interativas e aos atos comunicativos, à memória nos processos interativos; à tradição; arte; estranhamento; escrita e experiência, em aproximações com os contextos histórico-sociais comunicativos disponíveis na **Word Wide Web** (WWW). Conforme Santaella (2010, p.270) as redes sociais na Internet são “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

A sociedade, em síntese, está em constante mutação nas relações objetivas subjetivadas pelas relações síncronas. É um processo vivido e recriado pelo homem que apresenta características distintas ao longo do tempo e que no fluxo das informações delinea-se para uma tendência necessária, a de cinema como redes relacionais.

As redes interativas são espaços permeados pela dialogicidade, tendo como elementos centrais a mediação e a interação em relação aos artefatos culturais. Ousa-se dizer que não são, necessariamente, somente aquelas que emergem da internet, mas resgates de tentativas de convivência social, de entretelas de redes sem fim. No entanto, redes conectivas como o cinema são redes midiáticas que utilizam de técnicas distintas para se constituir como tecnologia e núcleo de possibilidades de diálogos.

Deste modo, a voz que emerge do cinema se perpetua ou silencia, se aproxima ou distancia com a possibilidade de se tornarem acontecimentos no mesmo momento. O cinema pode ser considerado uma interface da arte. Emerge da necessidade de conversação interna e externa ao ser. Invade, de forma suave ou agressiva, as similitudes de um ser que deseja ouvir e ser ouvido, considerando o cinema enquanto artefato cultural de mediação. Com as redes, vem esta arte cinematográfica e as vozes que dela ecoam ou ensurdecem. Que apaguem as luzes! Tela em prontidão! Sentidos e significados em ebulição, interação. Das relações e práticas comunicacionais que nascem e podem morrer no ser em processo de mediação. Na ação enquanto interação, outrora também individual e subjetiva. Aqui jaz o nascimento, morte e possível renascimento do cinema interacional.

Com a voz ensurdecidade: Cinema

A voz ensurdecida do cinema em sua arte e rede permite que a memória encontre sua unidade de análise na prática mediadora. Neste escrito não há a intenção em apresentar a história do cinema e a análise dos filmes apresentados, mas navegar nas possibilidades das práticas intercomunicativas emanadas desta arte. Para além de formalismos, se convida a imaginar o cinema em sua estrutura material e imaterial com conversas em um **buteco** sobre o filme e os impactos talvez sentidos. Talvez aqui possamos ter a ousadia de chamar de **buteco textual**.

O cinema pode ser referenciado como mediador nos processos interativos que se utilizam da comunicabilidade. Alguns filmes remetem à transitoriedade das relações síncronas dos fenômenos intrínsecos neste processo.

O filme “Quadro Negro” (2000) dirigido pela diretoria iraniana Samira Makhmalbaf se perfaz no cenário de um bombardeio no Curdistão iraniano e retrata a história de homens que andam com quadros-negros nas costas em busca de alunos. A partir do quadro, ou seja, um artefato capaz de ofertar experiências aos educadores do filme, é oferecida a um grupo de adolescentes, por um professor, a oportunidade de sair de forma ilegal do país em troca de aprenderem a ler e escrever. Desta forma, a função do mediador na figura do professor em contextos diversos e o desejo de ensinar em meio a uma região de guerra é o que orienta este drama. Essa experiência permitiu aos professores o ato de se surpreender com a dificuldade de ensinar a partir da articulação entre a escrita, memória e história. A memória como condição *sine qua non* para constituir a cultura histórica e social do ser.

A memória e tradição traduzida como elementos centrais do cinema quando observada a sua finalidade de interação objetiva-subjetiva em ação simultânea.

Dessarte, a experiência é o que nos passa, nos toca e nos acontece. Para Benjamin (1994), ela é cada vez mais rara e pobre, sendo justificada pelo excesso de informações. Nesse sentido, é necessário separar a experiência da informação. Bondía (2002, p.24) afirma que “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção...”. O cinema pode destinar a situações de relação homem-máquina, ou seja, a convergência do ser com as tecnologias. Isso não significa que existem apenas aproximações, mas possibilidades de distanciamentos dada a velocidade de relação e movimentos decorridos. Isto é, “convergência do humano com as tecnologias, tais como: comunicação global, realidade virtual, protética, nanotecnológica, redes neurais, algoritmos genéticos, manipulação genética e vida artificial” (SANTAELLA, 2010, p.24).

Diante do que intercorre, nos toca, se questiona como se pensar uma prática da Comunicação como experiência e estranhamento. Observa-se que a mesma está sendo apresentada como **ação**. Essa prática quer dizer ao mediador que ele precisa, diante dos discursos na sociedade, buscar a produção de novos sentidos para, então, a partir de todo o estranhamento que tais discursos causam, adentrar o acontecimento a uma experiência, ou seja, a algo que nos advém. Isso ainda conduz à uma passagem pela memória, pelas tradições e pelas diversas linguagens.

Em tempos de sociedade em rede (CASTELLS, 2005), por vezes, é possível perceber que nossas escolas estão em um território e os jovens “estão em outra” como afirma Babin e Kouloumdjian (1989, p.7), estão em outro território. É necessário criar vínculos entre espaços formais e não-formais de educação, a tecnologia inscrita em circunferências humanas, os jovens e a era virtual bem como adequar vivências sociais para estabelecer uma conexão entre o mundo paradoxalmente síncrono da Internet e redes.

Quando se fala em redes, ressalta-se uma cena apresentada no filme “Sociedade dos Poetas Mortos” (1989), dirigido por Peter Weir, retratando uma escola tradicional, em que o professor com o desejo de incentivar o pensar próprio dos alunos, começa a rasgar as páginas de um livro e diz à eles para fazerem o mesmo. A princípio, essa cena pode causar estranhamento, entretanto, é esse estranhamento que leva à criação de novos sentidos, à construção de distintos significados, à preservação da memória e das tradições arraigadas no seio de nossa cultura. Que nos permite a compreensão sincrônica do termo “Carpe Diem”, viva o presente.

A montanha russa das redes sociais, em particular, **Facebook, Instagram, Twitter**, no início (ou até hoje), causaram esse estranhamento remido pela experiência. A escola, espaço da educação formal, até mesmo sentiu-se ofendida com as transgressões dos jovens no espaço da Internet. A linguagem se alternou em novas escritas, caracterizando pela objetividade e velocidade. O que não se permitia na escola, se concretizava nas mídias, surgindo comunidades nessas redes sociais da internet (RSI) (SANTAELLA, LEMOS, 2010) como “Eu odeio meu professor”; “Escola ou Presídio”; “Eu amo minha escola”, entre outras. As redes sociais diferenciam-se das redes sociais na internet em função de sua possibilidade de utilização da WEB.

Esse estranhamento à escrita dos sujeitos nas redes pode levar o mediador à dimensão do desejo, ou seja, o desejo de avançar nas singularidades em sua construção do conhecimento durante o ato interativo. Isso pode significar a possibilidade de formação do estranhamento sobre os objetos, possibilitando a elaboração de conhecimentos.

Nesse contexto de estranhamento e singularidades – características importantes da arte e mídia como fundamentos das redes, Chklovski (1973, p.45) explica que o seu objetivo é “dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção”.

Nesse cenário da arte como estranhamento, pode-se observar outra cena de vivência de redes que também intui a capacidade de se surpreender: os jovens ainda procuram espaços que permitam “inalar”, “respirar” cultura, sentir sua história, sua vida e suas tradições. Fala-se, neste escrito sonoro, dos mesmos jovens que utilizam as redes e que na presencialidade dos encontros se comunicam utilizando linguagem de signos coloquiais de tempos síncronos como “véio”.

Em uma situação observada na praça de alimentação de uma universidade sobre o comportamento dos jovens acadêmicos, Araújo (**online**) relata uma situação que, possivelmente, causou uma sensação de estranhamento:

Ontem tive a oportunidade de observar o comportamento dos jovens acadêmicos em uma universidade na praça de alimentação.

Primeiro ponto que me impressionou: LINGUAGEM ORAL. Eles conversavam chamando uns aos outros de “véio”. Como sentei próximo a dois grupos de jovens, percebi diferenças.

O primeiro grupo formado por duas mulheres e dois homens estavam lanchando calmamente e conversando sobre o que fazer no feriado... Apesar da “artificialidade”, vi que começaram a falar sobre aulas, estágio, acompanhado de chicletes e bolas...

O segundo grupo formado por duas mulheres e um homem estavam com aparência bem preocupados, notebook ligado (conectado) e comentaram: “Hoje é o dia pra entregar”. Logo, como já fui aluna de graduação, pensei que fosse algum trabalho.

O primeiro grupo mudou de assunto rapidamente e começaram a falar sobre a organização de uma festa para 400 pessoas. Um deles comentou: “Véio, vai dar pra beber muita cachaça”. A moça, aparentemente preocupada disse: “A prova é daqui há pouco”. A outra logo respondeu: “Relaxa, é só sentar atrás de mim”. Presumo que ela se referia ao típico recurso constituinte da história da educação, a COLA.

Um terceiro grupo, mais distante, conversando em voz bem alta e chamando um ao outro também de "véio", trocava mensagens em celular e pela altura da conversa era para uma possível "ficante". Pareciam bem animados! Detalhe: eram dois homens.

Mas, voltando ao primeiro grupo, a conversa novamente sobre uma prova. Um disse: Véio você tem que ter noção, basta tirar um 5. Pra que você quer mais?"

O segundo grupo, já transparecendo tranquilidade, começou a ouvir músicas e olhar algo que parecia bem interessante no notebook (pelas risadas se percebia). Deu para ver a tela. Era FACEBOOK!

Porque essa descrição de comportamento dos jovens em uma universidade. Apenas descrever mesmo e quem sabe, futuramente, encontrar elementos para uma análise de comportamento sobre os jovens e formação acadêmica, ou simplesmente sobre os jovens.

Não sei o que eles esperam, sonham e pensam do futuro, mas no presente, a comunicação é sobre "véio".

Em tempo: O rapaz do terceiro grupo, aquele do celular, gritou ao outro colega: "SEXO. É HOJE!"

Realmente, como afirma o teórico Pierre Babin, "os jovens estão em outra".

Quando se observa a descrição realizada sobre o comportamento de jovens que estão em ambientes escolares ou não escolares, pode-se concluir a necessidade de se posicionar face a esta sociedade, em particular, à esses jovens pois representa o espaço de manifestação dos mesmos, ou seja, deve-se participar de sua cultura para não ser questionada se é "Escola ou Presídio".

Ainda quanto a memória e tradição, volta-se para as crianças e jovens que devem encontrar no ato comunicativo, momentos interativos que proporcionem sua formação cultural e científica. Desse modo, mesmo nos espaços inusitados da Internet, eles poderão chegar a reflexões sobre seu conhecimento e sua história, deixando aos sempre "novos jovens" a sua tradição.

Sincro(cidade) WEB

Entender a questão temporal de realização dos fenômenos nos permite vivê-los de modo sucessivo, não acumulado historicamente. O instante é o momento da palavra e da ação. O instante é o momento da sincronicidade que remete à ideia de cidade, de contextualização de temporalidade na **polis** WEB, onde espaços de experiência simbólica e materiais se dialogam entre os conceitos do real, realidade e virtualidade. Na WEB, a ideia entrelaça na performance do cinema, de uma relação estática e dinâmica ao mesmo tempo.

Nesse transcurso entender o que é real, realidade e virtualidade pressupõe compreender questões de como o mundo se sente em relação à nós no processo de experiência e como é o processamento de informações em nosso cérebro, sendo que o que faz as coisas são as ideias, conceitos e sentimentos de percepção. Neste ponto, o cinema representa um **locus** de redes. A interação entre a mensagem, o emissor e o receptor não garante a experiência, mas referencia a necessidade de sua indagação sobre como as coisas existem no mundo, os objetos que nos cercam

e os acontecimentos que nos rodeiam representam os movimentos da nossa consciência. O que significa dizer que no nível central mais profundo da nossa realidade, as imagens, áudios e movimentos velozes do cinema permitem a aproximação com o receptor? É como afirma Lévy “a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade” (1993, p.119).

A noção de tempo real caracteriza o cinema, onde espaço e tempo ocupam uma nova dimensão, sendo a condensação do presente, a operação em andamento. Desta forma, temos um mundo de hipertextualidade cerebral, onde o modelo digital é explorado de forma interativa nos processos comunicativos. Ou seja, as experiências que o cinema nos permite vivenciar depende da sua qualidade. Dewey (2011, p.28) afirma que o problema não é a falta de experiência, “mas o caráter dessas experiências – falho e defeituoso do ponto de vista das conexões futuras”. Ao relatar sobre os filmes “Quadro Negro” e “Sociedade dos Poetas Mortos” a intenção é a compreensão de espaços cinematográficos distintos, com contextos sociais diversos e transcritos em falas e imagens circunstanciais. Tal momento não significa qualidade de experiência como referenciado pelo autor citado, mas átimos em que os sujeitos que emitem e recebem de forma comunicacional, por vez, vivem e morrem. No entanto, as experiências de forma *ad continuum* prosseguem se perpetuando.

A noção de *cidade, idade, interface* nos faz transitar no tempo. Cidade compreendida na concepção cultural e social de cinema. Esta cidade em sincronidade percepta os sentimentos não-sentidos e, outrora, reverbera em imagem digital e formação cultural. Mas retornando ao buteco textual se questiona(?): O que é a imagem digital? Uma sequência de formação numérica!? A virtualização do cinema traz consequências econômicas e sociais através do papel cada vez maior das tecnologias da representação na sociedade. Percebe-se, então, um novo meio de conhecer os fenômenos, a simulação, que permite criar situações até mesmo improváveis. É o desenvolvimento resplandecente dos mundos virtuais. A imagem de síntese emitida pela tela do cinema como hipermídia tem por caracterização a observação e exploração de todos os ‘estados’ possíveis. É a prática da imagem de síntese e sua existência em espaço de fases na relação com o mundo.

Esse tipo de mídia, em particular, permite as possibilidades de troca e produz mudanças subjetivas como uma busca completa de si mesmo e a divulgação e procura de pares considerados ‘ideais’ ou porque não dizer, ‘parte de um sonho de consumo, fruto de fantasias’ fundadas no individualismo. O cinema na condição de mídia interativa e arte remete ao processo histórico de sua evolução social, histórica e subjetiva. Deste modo, “as crescentes produções em Arte e Tecnologia muito tem contribuído para o desenvolvimento de novas interfaces, mais intuitivas, inteligentes e, acima de tudo, afetam o ser humano nos vários níveis, sejam estéticos ou cognitivos” (ROCHA, 2014, p.77).

As redes relacionais do cinema é a experiência do ser individual e coletivo, interfaceando um ser objetivo e subjetivo, externo e interno. A objetividade de se tocar no quadro e compreendê-lo em contextos históricos, sociais e culturais diversos remete aos sentidos de educação para aquele que o vivem. O que se intui é a artimanha de pensar os dons artificiais do cinema em sua conversação com o receptor. Pode ocorrer um diálogo externo e a existência de um pensamento hipertextual imagético que desencadeia momentos de aproximação com o tema central de um filme, com seu enredo, seus personagens e com a estrutura do cinema.

Ideias para não-concluir

As tecnologias digitais desnovelam em inúmeros artefatos. Dentre eles, tem-se o cinema. Cinema de pronomes pessoais, dos olhares e significações intersubjetivas e intrasubjetivas dos

processos de comunicações que deles fluem. São vozes ditas e inauditas na seara de imagens dinâmicas e imagináveis. Representam nuances de desejos e inferências. A interatividade permeada, sobretudo, pela mediação.

Mediante tantos subterfúgios que o cinema incita é necessário repensar a partir de seu tempo sincrônico, tantos novos aparelhos que permitem o processo comunicativo bem como a ‘adequação’ à personalidade dos sujeitos, pensar as relações sociais nesse processo, a autonomia encontrada pelo ser em sua experiência. Eis o desafio!

O que se permite sentir no tocante ao cinema são os olhares dos seres que o vivenciam e que o experienciam em sua subjetividade síncrona, espaços de sentidos e significados de um ser individual e coletivo que em interação com o filme se ressignifica frente aos sentidos emanados. Desta forma, foram apresentados os filmes “Quadro Negro” e “Sociedade dos Poetas Mortos” com cenários compostos de contextos geográficos e sociais distintos, mas que indicam a figura do mediador como possibilidade de desvelamento de redes e de uma dimensão engendrada em aproximações e distanciamentos.

Assim, essa dimensão traz o ser como coletivo na condição de indivíduo em sua relação com o cinema, sentindo similitudes enquanto rede de experiência. E neste **buteco textual** em contínua escrita se convida a pensar a sociedade em constante mutação nas relações objetivas subjetivadas em tempos síncronos de interatividade.

Referências

ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. Juventude e Universidade: que “véio” é esse? In: **Pensando a Educação**. Disponível em <http://imaginandoeducacao.blogspot.com/2011/06/juventude-e-universidade-que-veio-e.html>. Acesso em 19/09/2011.

ARENDT, Hannah. Crise da Educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Maria-France. **Os novos modos de compreender**. A geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas I, SP, Ed. Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jose Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas. Jan/Fev/Mar/Abr – 2002, n.19.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Rosineide Venâncio Majer, 8ªed., São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1993.

QUADRO negro, O. Takhté siah. Direção de Samira Makhmalbaf. Drama. Duração: 85 minutos. Irã. 2000.

ROCHA, Cleomar. **Pontes, janelas e peles:** cultura, poéticas e perspectivas das interfaces comunicativas. Goiânia: Media Lab/Ciar/2014.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção de Peter Weir. Drama. Duração: 126 minutos. São Paulo. 1989.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação:** conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais:** a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.